



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 3, set.-out. 2021

INSANIDADE COMUNITÁRIA E VIOLÊNCIA EM “O LADRÃO”, DE GRACILIANO RAMOS: A LITERATURA COMO VIÉS PARA A CRÍTICA SOCIAL



COMMUNITY INSANITY AND VIOLENCE IN “O LADRÃO”, BY GRACILIANO RAMOS: LITERATURE AS BUTTONS FOR SOCIAL CRITICISM

Tatielly Almeida SANTOS
Universidade Estadual de Alagoas, Brasil

Helenice Fragoso dos SANTOS
Universidade Estadual de Alagoas, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 21/05/2022 • APROVADO EM 27/01/2022
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i3.3471>

Resumo

A presente pesquisa tem por finalidade analisar a representação figurativa da violência no conto “O ladrão” (2012), de Graciliano Ramos. Escrita em 1915 a narrativa curta de feição singular compõe a obra póstuma “Garranchos” que de cunho inédito vem tornar nítido o caráter linguístico e inovador do fazer literário do escritor durante o período de 1910 a 1950. Busca-se, pois, evidenciar como o autor, sob uma perspectiva crítica e denunciativa, expôs de forma verossímil e veemente a violência na sociedade. De caráter bibliográfico, o

estudo foi desenvolvido por meio da pesquisa qualitativa e alguns dos pressupostos teóricos utilizados foram: Alfredo Bosi (1994), Afrânio Coutinho (1968), Ricotta (2015), Tânia Pellegrini (2004), entre outros. A partir do estudo, constatou-se que a narrativa é permeada de denúncia social, de modo que evidencia a representação recorrente da violência em textos literários e legitima estes como instrumentos capazes de suscitar no leitor reflexões frente às questões sociais, tornando explícita a importância da literatura como viés para a crítica social.

Abstract

The purpose of this research is to analyze the figurative representation of violence in the tale "The lief" (2012), by Graciliano Ramos. Written in 1915, the short narrative with a singular feature makes up the posthumous work "Garranchos" that, of an unprecedented imprint, makes clear the linguistic and innovative character of the writer's literary work during the period from 1910 to 1950. It seeks, therefore, to show how the author from a critical and denunciative perspective exposed in a credible and vehement way the violence in society. With a bibliographic character, the study was developed through qualitative research and some of the theoretical assumptions used were: Alfredo Bosi (1994), Afrânio Coutinho (1968), Ricotta (2015), Tânia Pellegrini (2004), among others. From the study, it appears that the narrative is permeated with social criticism, so that it evidences the recurrent representation of violence in literary texts and is legitimate as an instrument capable of raising in the reader reflections on social issues, making explicit the importance of literature as bias for social criticism.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Garranchos. Graciliano Ramos. Crítica social. Violência.

Keywords: Garranchos. Graciliano Ramos. Social criticism. Violence

Texto integral

Introdução

A Literatura constitui-se como campo fecundo e peculiar entre as diversas formas artísticas existentes e, por vezes, implica na arte como reflexo da realidade, permitindo uma reflexão sobre a vida social em sua processualidade. No campo da ficção, a representação dessa realidade sob a ótica da literatura é uma tendência recorrente no cenário literário universal, especialmente brasileiro, traçando um diálogo precípuo entre literatura e o caráter social que esta assume. Graciliano Ramos, grande ficcionista da literatura brasileira, ganha notoriedade por manifestar um projeto literário em que o discurso crítico, alusivo às questões sociais, é facilmente reconhecido.

Da autoria do escritor alagoano, o conto "O ladrão", datado de 1915, é um dos textos integradores da obra póstuma "Garranchos". A narrativa é o objeto de estudo deste trabalho que por apresentar caráter de ineditismo - tanto no sentido linguístico, como literário - percebe-se a falta de tratamento por parte da crítica, salientando os poucos estudos existentes até o momento. Essa é uma das justificativas para a relevância dessa problemática, além de buscar desenvolver

pesquisas na área de Estudos Literários a partir do exame da produção literária no âmbito alagoano.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem por finalidade identificar, analisar e interpretar a representação da violência em “O ladrão” (2012), de Graciliano Ramos, a fim de revelar como esse texto expõe de forma verossímil e veemente a crueldade humana presente na sociedade. Assim, compreende-se que a narrativa é capaz de provocar no leitor reflexões e tornar nítida a importância da literatura como viés para a crítica social.

Quanto à metodologia, tendo em vista o seu caráter bibliográfico, o trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa qualitativa no qual foi constituído por meio de leituras de artigos, dissertações, da obra estudada, bem como dos aportes teóricos de críticos e pesquisadores, como: Afrânio Coutinho (1968), Alfredo Bosi (1994), Ricotta (2015), Pellegrini (2004), entre outros.

Este estudo está estruturado em três seções: na primeira delas, abordou-se uma discussão acerca do discurso crítico intrínseco a escrita graciliânica, a fim de evidenciar o fazer literário do autor; posteriormente, na segunda, discutiu-se a relação que a literatura graciliânica apresenta com a temática da violência. A terceira seção foi dividida em duas subseções; na primeira foi exposto o contexto da narrativa e a relação desta com a obra Garranchos; e na segunda, realizou-se a análise do conto identificando a presença da crítica social por meio da violência.

O DISCURSO CRÍTICO INTRÍNSECO A LITERATURA GRACILIÂNICA

O discurso crítico intrínseco às diversas produções no campo literário tem sido recorrentemente estudado. De ordem social, política, religiosa, entre outros, tal discurso comumente é identificado nas obras como forma de denúncia às questões sociais em que muitos escritores, por meio de suas produções, buscam suscitar reflexões acerca do meio social e das relações humanas.

Em conformidade, a geração de 30 - grupo de escritores que demarcava o que a crítica literária caracteriza como a segunda fase do movimento modernista brasileiro - abordava temáticas regionais e de cunho crítico social, que apoiados na ideia de ruptura literária e cultural, bem como na construção de um mundo mais igualitário, preocupavam-se em discutir o cenário brasileiro voltado aos anos ocorridos entre o período de 1930-1940, que de acordo com Candido confluía em uma:

[...]surpreendente tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas, numa radicalização que antes era quase inexistente. Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo inserção ideológico, que dá contorno especial à fisionomia do período. (CANDIDO, 1989, p. 181).

Nesse sentido, torna-se certa a premissa de que a geração modernista de 1930 se distinguiu por construir: “uma visão crítica das relações sociais”, manifestando-se no “romance empenhado desses anos fecundados a prosa narrativa.” (BOSI, 1977, pp. 436-437). Em consonância, Bastos (2016) afirma que:

O chamado –romance de 30 é um momento do Modernismo em que as conquistas de experimentação estética e de liberdade de expressão se consolidam. Mas é também um momento em que as questões especificamente sociais se sobrepõem às questões mais especificamente estéticas. (BASTOS, 2016, p. 100)

Graciliano Ramos - considerado pelo biógrafo Dênis Moraes (2012) um exímio prosador, jornalista, político e memorialista que despertou para as letras ainda muito novo - destacou-se expressivamente como um dos expoentes da geração em questão. Moraes (2012) ainda ratifica que suas obras se caracterizavam por tratarem de problemas sociais do nordeste brasileiro e por apresentarem uma visão crítica das relações humanas.

Em meio ao grupo de escritores pertencentes a determinada corrente literária, o cânone brasileiro se propôs a realizar um fazer literário cuja fonte de inspiração centrava-se no regionalismo brasileiro, trazendo a cerne uma literatura altamente realista, norteadas de um discurso crítico que o possibilitou retratar e pôr em evidências as questões sociais.

Visando a conformação geral de Ramos e o olhar realista inerente a essas produções, Bosi (1977, p. 454) considera que: “o realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo, é crítico”, o que é corroborado com o discurso opinativo, norteadas pela criticidade que o escritor disseminava a sociedade brasileira e as relações entre diferentes classes sociais, diferentes sujeitos e vidas dentro dessa sociedade.

Como supracitado, as temáticas regionais marcaram fortemente as produções de Graciliano. A obra *Vidas Secas* (1938), por exemplo, retrata a pobreza extrema do Nordeste - região veemente afetada em decorrência da seca- em que, por meio de uma linguagem seca, objetiva, cuja qual o insumo linguístico se faz presente, o autor buscou explicitar a situação de um povo fadado ao descaso e afetado drasticamente pelo contexto socioeconômico que demarcava o subdesenvolvimento de determinada região.

Contudo, esse preceito não corrobora o fato de que Ramos tenha se restringido a um regionalismo puramente particular, visto que a obra do autor é adepta de caráter universalista, na medida em que a vida e o destino de seus personagens se dão de forma análoga à realidade nacional. Nesse viés sobressai, em termos literários, a obra *São Bernardo* (1934), por retratar os conflitos voltados à ambição humana, tornando notório o compromisso que Graciliano detinha com os princípios humanista, pois como considera Coutinho (2000):

A obra romanesca de Graciliano Ramos abarca o inteiro processo de formação da sociedade brasileira contemporânea, em suas íntimas e essenciais determinações [...] o destino de seus personagens, seu modo de agir e reagir em face das situações concretas, em que se encontram inseridos, são manifestações típicas de toda realidade brasileira. (COUTINHO, 2000, p. 159)

De acordo com Coutinho (1997), Graciliano é especificado como pertencente à corrente psicológica, subjetiva, introspectiva e costumista,

intensificando a premissa de que, além de temáticas regionais e de denúncia social, o enfoque do romancista também esteve voltado à problemas da alma. É perceptível como o escritor alagoano funda uma coerência de criação ao perceber os reflexos do real sobre as relações sociais, relacionando o universal e o particular, dores íntimas, preocupação ética e os dramas sociais.

Em conformidade, o crítico Antonio Candido (1989) assegura que todo grande escritor é dotado de pelo menos uma destas três preocupações: o senso psicológico, o senso sociológico e o senso estético, que se completam e se fundem, alcançando raro equilíbrio. Tal equilíbrio é facilmente identificado em Graciliano, uma vez que aspectos formais de estruturação são associados a fatores psicológicos e sociais, elementos tão bem elaborados e perceptíveis em suas produções.

Obras como Caetés (1933), São Bernardo (1934), Angústia (1936), Vidas Secas (1938), Infância (1945), Insônia (1947), Memórias do Cárcere (1953), Garranchos (2012), entre outras produções, demarcam a trajetória literária na qual o autor percorreu até chegar ao máximo da expressão crítica, no que diz respeito à veracidade dos fatos sociais.

Segundo Coutinho (1968), as produções do autor “trata-se de uma obra inquietante, de inquietação, denunciadora e angustiada” (COUTINHO, 1968, p. 390), já que se refere a uma literatura voltada à conscientização e reflexão, possibilitando ao leitor a compreensão do processo histórico da vida humana. Com isso, ao referenciar a figura de Ramos, deve-se ter em mente que um dos fatores avaliados como responsáveis pela atualidade deste autor é a habilidade com que ele lida com o problema da representação do outro.

Dessa forma, o caráter estético e crítico-reflexivo presentes nos textos que nasceram a partir da visão desse escritor alagoano, faz deste um renomado ficcionista e figura peculiar na literatura brasileira da década de 30, por trazer ao cerne um discurso crítico concreto, histórico e universalista.

LITERATURA E VIOLÊNCIA: O CARÁTER SOCIAL DA LITERATURA

O caráter social inerente ao literário torna notável como literatura e sociedade se relacionam, já que o social é um elemento que, por vezes, desempenha um papel indispensável na construção dos discursos literários. Além disso, a obra literária pode ser caracterizada como um espaço em que converge às leituras do social, do cultural e do histórico, revelando-se objeto peculiar e instigante a várias áreas de conhecimento interessadas na relação entre as produções discursivas e a sociedade na qual estas são produzidas. Assim, a arte, como todos os produtos da atividade humana, nasce na e para a sociedade, portanto ela é essencialmente social. O meio social afeta a arte, de fora, encontrando resposta direta e intrinsecamente dentro dela. (FREITAS, 2003, p. 142).

Em consonância, Candido (2006) aponta que entre os vários fatores que influenciam na criação da obra de arte, no caso da literatura, os valores sociais vigentes em sua época de criação podem ser vistos claramente nos conteúdos de suas histórias, bem como as ideologias presentes na sociedade.

Nesse sentido, no desenvolver das pesquisas e produções literárias, a relação entre literatura e sociedade foi explorada sob várias perspectivas e dimensões, e muitos escritores utilizaram a arte literária como modo de expressão social, objetivando sobretudo a representação da realidade na qual os sujeitos estavam inseridos.

Ao estudar a presença da violência no campo da literatura, se faz pertinente a reflexão sobre o significado mais literal deste termo. O sentido de violência, tomando como referência o dicionário da língua portuguesa, se distingue como: "Violência. S.f. 1- Qualidade de violento. 2- Ato violento. 3- Ato de violentar. 4- Constrangimento físico ou moral; uso da força; coação".

Em conformidade, Michaud (1973, p. 5) define violência como: "uma ação direta ou indireta, concentrada ou distribuída, destinada a prejudicar uma pessoa ou a destruí-la, seja em sua integridade física ou psíquica, seja em suas posses, seja em suas participações simbólicas". Isso possibilita compreendê-la como ato que implica em atingir o outro, seja fisicamente ou psicologicamente.

De acordo com Riches (1986, p. 1), "a violência conota fortemente um comportamento que é, em algum sentido, ilegítimo ou inaceitável". O fenômeno concerne então ao descumprimento social, bem como à agressão aos valores éticos na sociedade.

No cenário nacional, Pellegrini (2004, p. 16) afirma que "é inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira." A autora, ao argumentar sobre a história da representação da violência, na literatura brasileira, entende como conceito de violência o – uso da força para causar constrangimento ou dano físico, psicológico ou moral a outra pessoa, o que, inapelavelmente, recai em questões ligadas ao crime (PELLEGRINI, 2008, p. 43). Assim, a prática da violência na realidade nacional é recorrente e de relevância social e por isso precisa ser discutida.

No campo artístico, essa ação é explorada de divergentes formas, o que evidencia a transcendência reflexiva sobre as vozes da violência na cultura brasileira, sendo caracterizada "como um elemento fundador a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial" (PELLEGRINI, 2004, p. 16). Destarte, a violência apesar de tão propagada atualmente, não é um tema novo ou atual. Foi explorada tanto na prosa quanto na poesia e esteve atrelada a diversos temas nacionais.

Nesse cenário, é possível identificar que a violência concebeu a chamada "literatura regionalista" e a "literatura urbana" e, guardadas as devidas diferenças entre essas duas literaturas, elas têm em comum o fato de marcarem a "convivência agônica entre civilização e barbárie". (PELLEGRINI, 2005, p.136). Diante disso, entende-se que a violência caracteriza, de modo real e intenso, os mais diversos espaços do contexto brasileiro.

Portanto, o acervo literário, sobretudo a narrativa, tem se valido desta temática como elemento interno e estrutural do texto. Logo, transportar para o centro das discussões a crueldade humana, a criminalidade, atos de injustiça e a violência como um todo, tem sido marca recorrente de diversas produções literárias. Ou seja, compreender o fenômeno da violência pressupõe entender que se trata de um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial, com seu espaço de

criação e desenvolvimento na vida em sociedade ou, como afirmam Baierl e Almendra (2002), "estudar e pensar a violência implica estudar e pensar a sociedade".

Sob esse viés, salientar a literatura como meio não apenas de entretenimento, mas que pode comumente proporcionar um retrato esteticamente embasado nas vivências perpassadas no cotidiano de indivíduos, é evidenciar a sua magnitude em proporcionar ao leitor e sujeito social o contato expressivo com a realidade por meio da leitura.

Dessa forma, torna-se evidente que a violência é uma prática que afeta a sociedade. Portanto, compreender às múltiplas representações desse fenômeno no texto literário é fundamental para evidenciar o poder enunciativo que a literatura detém, constituindo-a como caminho viável no processo de conhecimento e conscientização, pois como afirma Antonio Candido em *A literatura e a formação do homem* (1972), a literatura deve proporcionar ao leitor uma formação humanizadora.

“O LADRÃO”: UMA LEITURA POSSÍVEL

Como abordado anteriormente, o escritor alagoano Graciliano Ramos contribuiu significativamente frente ao cenário nacional; como homem, político e escritor da Literatura Brasileira, primordialmente como um dos precursores do Romance de 30. Entretanto, além de romancista, o fazer literário do autor também esteve voltado à produção de contos.

Desse acervo literário sobressai o conto “O ladrão”, produzido ainda na juventude do autor. A Narrativa destaca-se, pois é um tema resgatado cerca de vinte anos depois no conto denominado “Um ladrão”. Apesar da semelhança entre os títulos, os textos apresentam enredos, personagens, cenários e tipos de narradores diferentes, mas exprimem sobretudo o percurso de escrita do próprio autor ao abordar duas perspectivas históricas e ideológicas em momentos divergentes. No caso do primeiro ladrão, tem-se uma narrativa singular e que atualmente compõe a obra *“Garranchos, textos inéditos de Graciliano Ramos”* (2012), cuja importância deve-se por seu caráter de ineditismo e inovação, tanto no sentido literário quanto linguístico.

GARRANCHOS E O CONTEXTO DA NARRATIVA

Distante da realidade ficcional e romanesca em que os leitores graciliânicos estavam inseridos, Garranchos dispõe de uma composição diversificada e heterogênea, diferenciando-se das demais obras da autoria do cânone brasileiro. O livro concerne a um compilado de textos produzidos por Ramos, mas organizados por Thiago Mio Salla. Tais textos oriundos de registros manuscritos e orais, demarcam momentos da trajetória artística, política, literária e intelectual do autor em questão.

Mio Salla (2012) configurou-se como uma espécie de garimpeiro, já que ao longo de sete anos realizou uma pesquisa atenta e minuciosa em busca de registros que posteriormente originaram o livro. O pesquisador considera que se os textos da obra póstuma variam quanto ao gênero o mesmo se pode assegurar no que se

refere aos assuntos. Portanto, de caráter inédito, os oitenta e um textos presentes na obra possibilitam um percurso de leitura norteado por crônicas, cartas publicadas na imprensa, epigramas, discursos políticos, artigos de crítica literária, bem como um conto juvenil “O ladrão” e o primeiro ato de uma peça teatral, entre outras produções. Sobre os textos, Salla (2012) afirma que:

Cada um, a seu modo, permite iluminar facetas pouco conhecidas ou, até então obscuras do autor de *Vidas Secas*, fornecendo mais subsídios para fundamentação, pelo leitor, de certos elementos concernentes a sua poética, além de ampliar as possibilidades de leitura e compreensão do papel desempenhado tanto pelo homem quanto pelo artista Graciliano Ramos. (SALLA, 2012, p. 09).

Quanto aos critérios adotados para a estruturação da obra, o pesquisador propôs relacionar os diversos textos de acordo com a trajetória do autor durante o período dos anos de 1910, até o início da década de 1950. A divisão se dá em cinco momentos referentes aos “Anos 1910; Anos 1920; Anos 1930 ainda em Maceió; Depois da saída do cárcere; Depois da entrada no PCB; e, por último, Vida e obra de Graciliano Ramos” de modo que evidenciam a relação entre o livro *Garranchos* e os dados biográficos do autor.

De acordo com Ricotta (2015), *Garranchos* “[...] nos devolve a figura plural de escritor, político, articulista, ensaísta e de homem mesmo, construída mediante os posicionamentos de Graciliano sobre a criação artística, os autores, a narrativa literária e sobre as questões de instrução e administração públicas [...]” (RICOTTA, 2015, p. 214).

Desse modo, o conhecimento acerca da obra promove ao leitor novos olhares sobre a figura de Ramos, já que observar o papel dos diferentes gêneros e os aspectos da obra em questão mostra-se pertinente na medida em que funciona como modo de explicação da estética graciliânica enquanto caminho viável de compreensão do projeto narrativo do escritor.

Nessa perspectiva, destacamos a importância de pesquisar esses “garranchos”, uma vez que a obra é de extrema relevância em termos culturais, literários e históricos, pois remete questões da época na qual Ramos viveu e contribui primordialmente para o engrandecimento intelectual do leitor, além do aprimoramento do conhecimento para fatos ocorridos há alguns anos e que, por ventura, refletem no cenário hodierno.

Assim, o caráter de ineditismo inerente à obra evidencia a ausência de estudos e a falta de tratamento especial por parte da crítica. Todavia, o livro detém um cenário rico e precípuo do percurso e construção do fazer literário do escritor, por isso justifica-se a importância de estudá-la.

Ao abordar o contexto da narrativa nesta pesquisa, foi proposto uma breve contextualização do conto “O ladrão” (2012). O texto é datado de 1915 e foi produzido numa fase em que a escrita de Graciliano Ramos aderia um processo de maturação, mas que já detinha traços marcantes que apontam para as estratégias de uma produção voltada ao discurso crítico, aspecto marcante na conformação geral do escritor.

Caracterizado como narrativa curta, o conto dispõe um enredo que gira em torno de um homem, não nomeado ao longo do texto, exposto apenas como “o

ladrão”, sujeito que foi agredido e oprimido sem direito a julgamento após uma tentativa falha de assalto a uma loja de uma cidade interiorana.

Diante das críticas implícitas bem elaboradas, a narrativa é permeada de suspense. Nela o leitor é automaticamente conduzido a aprisionar-se no desenrolar da história, para que assim possa compreender a grande problemática intrínseca ao conto: “será de fato aquele homem verdadeiramente um ladrão?”

De forma genérica, as personagens são caracterizadas como elemento constitutivo de qualquer narrativa. Sem ela, não há um enfoque, enredo, bem como a sucessão dos acontecimentos, o que demarca a notoriedade desse elemento para essa tipologia textual. No caso de “O ladrão”, percebe-se a existência de uma personagem plana tipo, que partindo das considerações de Arnaldo Franco Junior (2009), tal personagem é reduzida às características marcantes da sua ocupação ou de sua posição social, ou seja, sua caracterização é baseada em uma correspondência previsível entre suas ações e a categoria social a que pertence.

No que se refere a narratividade, o conto é narrado em primeira pessoa, no qual o narrador testemunha relata a seu próprio ângulo de visão todo o desenrolar da narrativa. Esse é um narrador Homodiegético, que de acordo com Arnaldo Franco Junior (2009, p.40), é aquele que participa dos eventos narrados como personagem. Nessa perspectiva, Graciliano Ramos, por meio de seu narrador, deixa claro desde o primeiro parágrafo de que o texto é assinalado pelo suspense, medo e pela obscuridade, e para além disso, despertará no leitor certos questionamentos e momentos de tensão.

No início da narrativa, já é possível identificar uma apreciação antipática acerca da personagem “o ladrão”, como se pode observar:

O homem chegou sorrateiramente à esquina, olhou desconfiado aos arredores e entrou na única loja que por ali havia aberta àquela hora da noite. Vi-o entrar, com um saco ao ombro, o chapéu de couro negro da água, a roupa em farrapos colada ao corpo, e o queixo tremendo, rilhando os dentes. Eram onze horas. (RAMOS, 2012, p.40)

Tal percepção de antipatia é veemente ratificada pelo narrador nas primeiras páginas do conto, ao relatar que aqueles modos inquietos e aquela atitude de súplica tão estranha em um freguês, o espantava e o fazia presumir que sua presença não lhe agradava. Parecia que ele estava a estorvar algum plano. (RAMOS, 2012, p. 41).

A visão figurativa desse provável ladrão, caracterizado como um sujeito imbuído de atitudes que permite o leitor olhá-lo com “desconfiança”, revela, decerto, o objetivo do escritor em formalizar uma diegese marcada pela obscuridade, de modo a preconizar uma leitura cautelosa para que o texto seja lido “com cuidado no terreno inseguro da trama para que, não só o suposto ladrão, mas nós mesmos enquanto leitores-modelo, não sejamos envolvidos pela cegueira da razão que parece incidir sob os demais personagens da história” (BERNARDES, 2014, p. 71).

O desfecho da narrativa coloca o leitor diante do inesperado e surpreendente: “[...] O homem tinha perdido os sentidos e estava com os braços abertos, semelhando uma cruz, entre duas poças de sangue que aumentavam”.

(RAMOS, 2012, p. 51). Dessa forma, após ser preso e brutalmente espancado, o sujeito caracterizado como um provável ladrão vem a óbito sem usufruir do direito de ser julgado, e consequentemente responder pelo suposto crime seguindo os critérios da justiça.

Assim, constata-se que a presença de um olhar “crítico” na construção textual de Ramos, possibilita o leitor descortinar um percurso de leitura permeado por um tom trágico, angustiante e obscuro, ao inseri-lo em uma circunstância perpassada no período noturno de uma cidade sem nome, como se vê neste breve resumo concernente a narrativa:

O protagonista vai ao mercado onde a ação se inicia, escolhe os produtos e espera. Diz aguardar seus amigos que ainda trarão o dinheiro. Esse sujeito não efetua verdadeiramente a compra e passa a ser suspeito de um roubo que não aconteceu (nem se sabe se aconteceria). A desconfiança aumenta gradativamente, na medida que o tempo passa. O homem foge porque percebe mal-estares no ambiente em que se encontra. Mas é agarrado pela população e conduzido para a delegacia, porém no caminho - tal como uma “via-crucis” - é linchado pelos “homens de bem”. Posterior a todo martírio do possível criminoso, o provável ladrão morre na cadeia. (BERNARDES, 2014, p. 72).

JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS, INSANIDADE COMUNITÁRIA E CRUELDADE HUMANA

Como mencionado, o texto constitui-se de um enredo marcado por uma estratégia irônica, no intuito de revelar a posição intelectual de quem o escreveu. Com isso, para a análise do respectivo conto, pontua-se ser primordial partir da perspectiva da representação figurativa da violência e assim expor a relação entre esta e a literatura e, para além disso, evidenciar as críticas de cunho social introduzidas pelo autor na narrativa.

Conforme se nota em Bernardes (2014), a personagem foi “agarrada pela população”, “linchado pelos homens de bem” e o “provável ladrão morre na cadeia”. Vê-se, então, três requisitos fundamentais que apontam para os vestígios das ações de ordem violenta presentes no texto.

O fenômeno da violência quando extremamente pulverizada ou rotineira, parece banalizada, diluída e até mesmo aceita e legitimada por uma cultura em que uma violência justifica a outra, com ruptura dos limites sociais da convivência e da cidadania. Esse fato é constatado na narrativa na medida em que a mesma manifesta a questão da justiça com as próprias mãos, como percebe-se neste trecho:

E atirou-lhe o cachaço. O desgraçado soltou um grunhido, vacilou, deu uma cambalhota. Depois foi uma chusma de bofetadas. Seguindo o exemplo do bebêdo, cada um de nós descarregava as mãos sobre aquela cara magra, lívida, com duas grandes covas nas bochechas. (RAMOS, 2012, p.45)

Trata-se, portanto, de uma injustiça impetuosa e imprópria que se deu de forma gradativa e que intensifica o curso da leitura. O suposto ladrão foi espancado pela vizinhança - o narrador testemunha revela que: “Éramos uns vinte” - percorrendo um trajeto de tempo e espaço que se deu no local do acontecimento, no percurso até a chegada na prisão e posteriormente nesta, com o apoio voluntário de outros prisioneiros e soldados, como se vê:

“Dois soldados acercaram-se do prisioneiro, agarraram-lhe os pulsos, puxaram os saberes. Ele teve um estremecimento, pareceu despertar, caiu de joelhos, fez um esforço para juntar as mãos. Uma lâmina de aço bateu-lhe no dorso nu”. (RAMOS, 2012, p. 48)

A ação desumana, e sobretudo coletiva, corrobora com a conformação do aspecto social vinculado à insanidade comunitária, pois o prazer da vingança cegou os olhos de uma população que acreditava ter propriedade para julgar aquele homem.

“[...] E ele sempre a pedir misericórdia, a chorar, a urinar abjetamente. Nós estávamos recolhidos num grande silêncio. Parecia que experimentávamos o prazer de uma vingança. Dir-se-ia que aquele indivíduo nos havia causado um grande mal e que não tínhamos feito outra coisa durante a vida senão acumular ódio contra ele.” (RAMOS, 2012, p. 48)

Pontuar a crueldade humana como condizente com a intenção de domínio, submissão e subjugamento do outro é vê-la como prepotente e ilimitada, legitimada em práticas desumanas e desprovidas de freio emocional. Nesse sentido, percebe-se no conto a presença marcante de uma crueldade que implicou no sofrimento de um indivíduo, pois [...] o homem a rugir, a roncar, sempre de bruços, a rojar-se como um bicho, a arrancar as lajes com os dedos, a boca muito aberta. Súbito apareceu-lhe nas costas uma gotarzinha vermelha, que foi crescendo, crescendo [...]” (RAMOS, 2012, p. 51).

Conforme abordado, o ato de injustiça, o pré-julgamento, a insanidade comunitária e a violência com as próprias mãos apontam para crueldade humana articula de forma coletiva sob a personagem “o ladrão”, maltratado e linchado enquanto o forçaram andar até a cadeia e percorrer o caminho que o levará a morte sem direito a julgamento. Esses são pontos identificados constantemente na narrativa e principalmente no desfecho do texto, quando o narrador testemunha afirma que chegou a pensar que “éramos todos uns infames” e “experimentávamos o prazer da vingança”.

De acordo com Bernardes (2014), o conto é “[...]uma narrativa muito próxima de uma crônica policial, e cheia de adjetivos que “pintam” um texto, cujo quadro sinestésico denuncia tortura e animalidade”. A partir dessa perspectiva, entende-se que o fato de aproximar dois gêneros divergentes se dá pela aparição da criminalidade e do grotesco presente em ambos, mas que um parte de dados literais, no caso da crônica policial, já o outro de uma visão ficcional, a exemplo do conto.

É oportuno ressaltar que o conto não deixa claro os motivos do provável ladrão ter tido a pretensão de roubar, ainda que muitas vezes tenha tentado se explicar. Dessa maneira, é crucial enfatizar que a ótica desta pesquisa não parte de um viés justificativo alusivo ao comportamento do suposto ladrão, tampouco investiga-se os fatores que o levou a percorrer o caminho da criminalidade; a investigação se propôs apenas procurar trazer elementos que auxiliam e possibilitam uma melhor compreensão da narrativa, a fim de averiguar a presença da violência e com ela as críticas sociais.

Segundo Edgar Allan Poe, numa narrativa curta, se tratando do conto em geral, o escritor tem o poder de manter a “alma do leitor” sob seu controle; sendo assim, ao ler o texto, o leitor terá as imagens das cenas formadas em sua memória. O narrador deixa o receptor ciente de todos os acontecimentos na trama, até mesmo os mínimos detalhes são mostrados bem de perto, o que nos leva à penetrar à alma angustiada do ladrão o que impulsiona a despertar em nós sentimentos de piedade e compaixão.

Portanto, a narrativa em questão apresenta uma atmosfera trágica, mas bastante verossímil: emoções, medos, injustiça, violência, desconfiança, hipocrisia, animalidade e a desigualdade social são descritos, muitas vezes de forma implícita, por meio da visão de um narrador testemunha.

Alfredo Bosi (1997) ratifica que o conto tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo. Destarte, apesar de ter sido escrito há décadas, podemos perceber traços de contemporaneidade na narrativa, visto que a ação da violência continua a repercutir, ainda que em outro contexto sócio histórico e em outras perspectivas.

Dessa maneira, é perceptível que a narrativa aponta para o caráter social da literatura e como tal caráter assume primordialmente um papel indispensável na construção da capacidade reflexiva do leitor, visando despertar uma visão crítica da realidade na qual o leitor está inserido. Logo, é possível identificar a importância da literatura enquanto viés para a crítica social, uma vez que comumente a mesma proporciona um retrato esteticamente elaborado da realidade, sendo a da narrativa aqui analisada como o fenômeno da violência pode implicar na vida do indivíduo e nas relações sociais que este está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Empregando um estilo literário particular em que o discurso crítico se fez presente, percebe-se que Graciliano Ramos, por vezes, evidenciou em sua escrita temáticas atreladas ao processo de formação da história da humanidade. São produções literárias que a partir da sensibilidade estética fazem e constrói um leitor reflexivo frente às questões sociais.

Analisou-se, portanto, o conto “O ladrão” (2012) no intuito de evidenciar a representatividade figurativa da violência em forma de crítica social na narrativa do respectivo autor. Apesar de escrita ainda na juventude dele, o texto desempenha um papel humanista e social indispensável, pois sob o olhar preciso e atento de um narrador testemunha, o escritor salientou a questão da justiça com as

próprias mãos, da insanidade comunitária e da crueldade humana como forma de denúncia social em que o leitor atento é capaz de identificar e refletir.

O conto analisado é uma narrativa escrita há algumas décadas, mas que nos apresenta os conflitos humanos entre as classes sociais, enfatizando como a violência pode vir implicar na vida do sujeito e neste caso em morte. Sendo assim, Graciliano buscou evidenciar e denunciar os empecilhos recorrentes da sociedade a qual pertenceu e que porventura tais problemas continuam a repercutir na realidade hodierna, de modo ainda mais controverso e complexo, todavia em perspectivas e contextos sócio-históricos divergentes.

Dessa forma, é preciso reforçar novamente a necessidade de tornar nítida a relação entre literatura e sociedade, já que o caráter social intrínseco as diversas produções no âmbito literário legitimam a importância desta como caminho para a crítica social, na medida que proporciona ao leitor não apenas entretenimento, mas um contato expressivo com a própria identidade histórica, cultural, social e sobretudo com a conformação do real, daí salienta-se a relevância de desenvolver pesquisas de caráter literário.

Referências

BAIERL, L. F.; ALMENDRA, C. A. C. A dinâmica perversa do medo e da violência urbana. *Revista serviço Soc. Soc.* 2002;(70):59-74.

BASTOS, Hermenegildo. Formação e representação. *Cerrados*, Brasília: UNB, n ° 21, ano 15, 2016.

BERNARDES, Erick. Obra e manobra: estratégias discursivas no conto “O ladrão”, de Graciliano Ramos. *Anais do V Seminário de Estudos Literários*, v. único São Gonçalo, RJ, Faculdade de Formação de Professores da UERJ, 2014.

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. 98. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Ouro sobre Azul, 9ª Ed, Rio de Janeiro, 2006

CANDIDO, A. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: 3ª ed. Ouro sobre Azul, 2006, p. 82.

CANDIDO, Antonio. *Literatura & Sociedade*. São Paulo: T. A. QUEIROZ, 2000.

CANDIDO, A. *Graciliano Ramos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996. (Nossos Clássicos), p. 9.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) / Ed. Brasiliense, 1989.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa. In: BONNICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2003.

MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989

MORAES, Dênis de. *O Velho Graça*, uma biografia de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.15

PELLEGRINI, Tânia. *No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje*. In: DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte, 2008.

PELLEGRINI, Tânia. *As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea*. Crítica marxista, 2005. Disponível em: www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica21-Apelegirni. Acesso em: 05 Março. 2021.

PORTO, Luana Teixeira. *Relações entre literatura e violência: anotações sobre formas e temas de contos brasileiros contemporâneos*. In: SIMPÓSIO: CULTURA BRASILEIRA, LITERATURA E VIOLÊNCIA: A FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA. 23 a 27, 2013. Santa Cruz do Sul. 2013.

RAMOS, Graciliano. *Um Ladrão*. In: *Insônia*. São Paulo: Martins, 1970.

RAMOS, Graciliano. *O ladrão*. In: *Garranchos*. Organização Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RICOTTA, Lúcia; RAMOS, Graciliano. *Garranchos*. Textos Inéditos. Organização de Thiago Mio Salla. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. Floema - Ano IX, n. 11, p. 213-220, jul./dez. 2015.

SALLA, Thiago Mio. *Garranchos: Textos inéditos de Graciliano Ramos*. 1ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2012.

Para citar este artigo

SANTOS, Tatielly Almeida; SANTOS, Helenice Fragoso dos. *Insanidade comunitária e violência em “O ladrão”, de Graciliano Ramos: a literatura como viés para a crítica social*. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 3, p. 1087-1100, set.-out. 2021.

As autoras

Tatielly Almeida Santos é discente de graduação do curso de Letras/Português e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) campus III Palmeira dos Índios e pós-graduanda em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade de Ciências da Bahia (FACIBA).

Helenice Fragoso dos Santos possui título de Doutorado em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação e Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, Mestrado em Estudos Literários (2011) e Graduação em Letras pela mesma instituição (2009). Atualmente é Professora Adjunta do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas.